

A ACTIVIDADE FÍSICA E O DESPORTO EM AMBIENTES INCLUSIVOS COMO PROMOTORES DE ATITUDES POSITIVAS PERANTE A PESSOA COM DEFICIÊNCIA

 <https://doi.org/10.56238/sevened2025.018-018>

Luis Rodríguez de Vera Mouliaá

Faculdade de Educação Física e Desporto
Universidade Pedagógica de Maputo- Moçambique
Email: fumoam@hotmail.com /lmouliaa@up.ac.mz

Jeremias Deolinda Mahique

Faculdade de Educação Física e Desporto
Universidade Pedagógica de Maputo- Moçambique

Inês Agostinho Mabota

Freelance

RESUMO

O artigo discute o estigma e a discriminação enfrentados pelas pessoas com deficiência, apesar de representarem mais de um bilhão de indivíduos no mundo. Essa marginalização é frequentemente sustentada por preconceitos inconscientes enraizados em normas culturais e modelos ultrapassados centrados no déficit. A literatura evidencia que atitudes negativas da sociedade constituem uma das maiores barreiras à inclusão plena dessas pessoas. Diante desse cenário, a prática da Atividade Física e do Desporto (AFD) surge como um meio promissor para promover atitudes positivas e facilitar a inclusão social. Estratégias como o contato direto estruturado, a disseminação de informação e a cooperação mútua em ambientes inclusivos mostram-se eficazes na redução de estereótipos e preconceitos. A AFD, quando bem planejada, pode gerar resultados sociais significativos ao fomentar redes de apoio, participação ativa e habilidades sociais entre pessoas com e sem deficiência.

Palavras-chave: Inclusão social. Pessoas com deficiência. Preconceito. Atividade física inclusiva. Contato estruturado.

1 INTRODUÇÃO

Segundo o Relatório Mundial sobre a Deficiência, elaborado pela Organização Mundial de Saúde e o Banco Mundial, as pessoas com deficiência representam uma população estimada em mais de um bilhão de pessoas no mundo (WHO, 2011). Entretanto, apesar deste elevado número, a deficiência continua a ser alvo de discriminação a partir de um processo de estigmatização simples: a pessoa possui alguma característica que a distingue do que é considerado "normal", e com base neste atributo lhe são associadas um conjunto de particularidades de viés negativo.

Esta conotação impede que sejam identificados outros aspectos positivos, o que dificulta a sua integração nas relações sociais concorrendo para um quadro discriminatório (GOFFMAN, 2004). Desta forma, a pessoa com deficiência é transformada num ser incapaz e sem direitos, passível de ser excluído socialmente e impedido de participar plenamente na comunidade (FRANÇA, 2020). É certo que esta concepção negativa de deficiência tem ido variando ao longo da História e entre as diferentes culturas, mas geralmente se tem caracterizado por atitudes e actos discriminatórios, que em muitos casos têm derivado em agressão e violência, e que lastimavelmente subsistem até os dias de hoje (LOPES, 2013).

De acordo com DEL ÁGUILA (2013), na actualidade esta discriminação contra a deficiência não se expressa de forma consciente, mas se fundamenta numa série de preconceitos anteriores herdados de tempos remotos e que se tornaram um substrato cultural que os torna inconscientes. Assim, a subtilidade está além das normas que proíbem as expressões preconceituosas e discriminatórias, tidas como uma forma "socialmente aceitável" de expressar o preconceito sem ser conotado desta maneira (FERNÁNDEZ *et al.*, 2020).

Nesse sentido, pese a não serem manifestados explicitamente, os preconceitos subtis possuem uma carga negativa que podem provocar emoções de rejeição, desprezo e medo; advertindo-se uma contradição entre o discurso da pessoa e a sua prática. No entanto, segundo BISOL *et al.* (2017) parecem vislumbrar-se algumas mudanças a este respeito, embora o pleno bem-estar e desempenho dos direitos das pessoas com deficiência continuam distantes de ser uma realidade, preponderando uma imagem desvalorizada da pessoa com deficiência (DA SILVA *et al.* 2010).

A origem deste preconceito poderia estar ligada a modelos biológicos de aproximação à deficiência, onde estas pessoas eram observadas como objectos de tratamento e reabilitação centrados no défice e não nas potencialidades. Afortunadamente estes modelos estão em desuso, sendo que na actualidade a deficiência é analisada desde uma perspectiva bio-psico-social (OMS, 2001). Porém, existem limitações para que as pessoas com deficiência tenham uma real inclusão social, as quais vêm impostas por estereótipos negativos, falsas crenças sobre dependência, culturas opressivas e problemas económicos.

Dentre os vários obstáculos para efectivar esta mudança, a literatura hodierna aponta às atitudes negativas das pessoas sem deficiência como uma das principais barreiras para a inclusão prática — e não apenas teórica — das pessoas com deficiência (GAONA *et al.*, 2018; FRANÇA *et al.*, 2019; MELO, 2017; MOLERO *et al.*, 2016; OMOTE, 2018; PAREDES & PRADO, 2018; RELLO *et al.*, 2018; etc.). A este respeito, entendemos a atitude desde uma perspectiva multidimensional sendo uma "organização duradoura de crenças e cognições em geral, dotada de carga afectiva pró ou contra um objecto social definido, que predispõe a uma acção coerente com as cognições e afectos relativos a este objecto" (RODRIGUES *et al.*, 2009; p. 81).

Perante este panorama de exclusão, surge-nos uma questão de interesse: como contribuir no processo da inclusão social das pessoas com deficiência considerando que a literatura aponta como um dos principais entraves às atitudes negativas perante este grupo?

Uma possível resposta é encontrada na bibliografia específica, que apresenta efeitos promissores sobre o desenvolvimento de atitudes positivas perante a deficiência quando utilizada a Actividade Física e o Desporto (AFD) como um meio para a inclusão social (ABELLÁN *et al.*, 2018a; ANACLETO, 2018; CABRAL, 2016; DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; McKAY *et al.*, 2019; PEREIRA, 2017; REINA *et al.*, 2019; VÍQUEZ *et al.*, 2020; e outros).

Com efeito, a investigação faz referência a que as intervenções através da prática inclusiva da AFD, devem possuir um desenho eficaz que permita a cooperação e ajuda entre grupos de pessoas com e sem deficiência (RELLO, *et al.*, 2018; RELLO *et al.*, 2020; PÉREZ-TEJERO *et al.*, 2012). Nesse sentido, algumas das estratégias mais eficazes para a redução do preconceito e a promoção de atitudes positivas têm sido o "contacto directo" entre os grupos e a "informação" específica sobre o colectivo do qual espera-se melhorar a percepção (IGARTUA *et al.*, 2013; LEITÃO & DA SILVA, 2019; RELLO & PUERTA, 2014).

Assim, quando em uma situação de prática desportiva de carácter cooperativo se produz um contacto directo entre pessoas com e sem deficiência, se alcançam benefícios para os dois grupos que podem fomentar a mudança positiva de atitudes (ABELLÁN *et al.*, 2018a; ANACLETO, 2018; LUNDBERG *et al.*, 2008; McKAY *et al.*, 2019; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; VÍQUEZ *et al.*, 2020; etc.). Igualmente, quando facilitamos informação sobre a deficiência, o Desporto Adaptado e a sua prática, as pessoas envolvidas em programas de AFD mostram uma atitude mais positiva para a inclusão de pessoas com deficiência (KRAHÉ & ALTWASSER, 2006; LIU *et al.*, 2010; OCETE, 2016; RELLO *et al.*, 2020; e outros).

Para além do contacto directo e a informação, PÉREZ-TEJERO *et al.* (2012) afirmam que na área da AFD, existem outras estratégias usadas para o desenvolvimento de atitudes positivas, como por exemplo, a persuasão e a experiência vicária. Embora, RELLO *et al.* (2020) incluem a simulação e os grupos de discussão como estratégias igualmente eficazes, parece haver consenso em que o

contacto directo e a informação — com destaque para o primeiro — continuam sendo as estratégias que produzem um maior efeito sobre o desenvolvimento positivo das atitudes (ABELLÁN *et al.*, 2018a; KRAHÉ & ALTWASSER, 2006; LINDSAY & EDWARDS, 2013; McKAY *et al.*, 2018; RELLO & PUERTA, 2014; OCETE *et al.*, 2017; etc.).

Parte destas estratégias tem a sua fundamentação a partir da *Teoria do contacto* de ALLPORT (1954), a qual explica como são formadas as atitudes, indicando que os estereótipos, preconceitos e discriminação em contra de certo grupo podem ser reduzidos a partir do contacto directo com esse colectivo. De forma simplificada, o preconceito dirigido a essa minoria pode ser reduzido quando o contacto for estruturado em base a quatro premissas: i) compartilhar *status* de igualdade; ii) a comunidade deve apoiar institucional e legislativamente a mudança; iii) os indivíduos devem procurar objectivos comuns; e iv) o trabalho conjunto deve ser profundo, genuíno e íntimo.

Portanto, a teoria propõe que o contacto directo favorece as experiências mútuas de conhecimento dos seus elementos, descobrindo as semelhanças e melhorando a percepção entre membros dos grupos. Em consequência, a percepção destas semelhanças geraria uma certa atracção entre eles que fomentaria a aproximação dos grupos, sendo que o efeito contrário acarretaria a quebra da comunicação e a possibilidade de aumentar a hostilidade (CALDERON-LÓPEZ, 2020; CALDERÓN-LÓPEZ & NAVAS, 2015; FRANÇA *et al.*, 2019).

Em base à teoria apresentada, seria apropriado afirmar que qualquer intervenção que pretenda desenvolver atitudes positivas perante um determinado grupo através do contacto exige uma estruturação adequada e intencional das suas componentes. Isto é devido a que na maioria dos casos, as pessoas interagem com seus pares com deficiência apenas quando são incentivados a fazê-lo (TAVARES, 2011). Para além disso, devemos ter em conta que o contacto casual não só não é efectivo (BARR & BRACCHITTA, 2014; FRANÇA *et al.*, 2019; GOFFMAN, 2004; LINDSAY & EDWARDS, 2013; MAGALHÃES & CARDOSO, 2010), senão que ainda pode ser prejudicial, funcionando como um elemento que reforça a atitude negativa existente (DE BEER, 2015; SLININGER *et al.*, 2000).

Com efeito, a literatura tem sustentado que a AFD efectuada desde ambientes inclusivos com um contacto estruturado — independentemente da actividade / modalidade escolhida — é um meio óptimo para a obtenção de resultados positivos nas atitudes perante as pessoas com deficiência (ABELLÁN *et al.*, 2018a; CABRAL, 2016; LIU *et al.*, 2010; OCETE *et al.*, 2015; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; REINA *et al.*, 2011; VÍQUEZ *et al.*, 2020; etc.); sendo ainda destacado que as actividades de natureza cooperativa têm um maior efeito que as de natureza competitiva (DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; McKAY *et al.*, 2015; PEINADO, 2017; RELLO *et al.*, 2020; SANTANA & GAROZ, 2013; e outros).

Destarte, se a planificação da proposta está orientada à construção e inclusão social de um determinado grupo, esta pode contribuir no desenvolvimento de atitudes positivas que produzam uma actuação social num contexto de igualdade de oportunidades (MEIZOSO & BLANCO, 2013). A este respeito, queremos sublinhar que quando utilizada a AFD com este intuito, o seu principal valor está assente na obtenção de resultados sociais e deverá ser avaliada pelo resultado em base à quantidade e qualidade de redes de relações que se originem, às possibilidades de participação e inclusão que permitam, assim como às habilidades sociais que se instalem na comunidade (MEIZOSO & BLANCO, 2013).

Sendo conscientes das potencialidades nesta área, os pesquisadores têm realizado vários estudos tendo como base as perspectivas da integração e inclusão através da AFD, obtendo resultados prometedores que sugerem mudanças positivas de atitude perante a deficiência quando se produz um contacto entre grupos (ABELLÁN *et al.*, 2018a; ANACLETO, 2018; McKAY *et al.*, 2019; CALVO *et al.*, 2015; TEMBE & MACHAVA, 2012; VÍQUEZ *et al.*, 2020; e outros).

Podemos concluir, que pese a inclusão ser tida ainda como um obstáculo a ser vencido, a bibliografia aponta às áreas da AFD como reconhecidas "áreas – chave" para tornar a sociedade mais inclusiva (GORGATTI, 2005). A este respeito, existem três fortes argumentos (RODRIGUES & LIMA-RODRIGUES, 2017):

- Possuem programas mais flexíveis dado que, tanto a disciplina curricular da Educação Física como as actividades desportivas e recreativas, são mais receptivas a programas diferenciados e diversificados;
- Contêm uma forte componente lúdica e de interacção social, que ajuda na formação e desenvolvimento do sentido de pertença, solidariedade e cooperação, fundamentais para a geração de um ambiente inclusivo;
- As actividades desenvolvidas podem mobilizar expressivamente a área cognitiva, social e afectiva, ademais do desenvolvimento e desempenho motor.

2 A EDUCAÇÃO FÍSICA NA PROMOÇÃO DE ATITUDES POSITIVAS ATRAVÉS DO CONTACTO ENTRE GRUPOS

Desde o aparecimento da ideia de uma educação inclusiva no nosso quotidiano (preconizado pela Declaração Mundial sobre Educação para Todos – Tailândia, 1990; e pela Declaração de Salamanca – Espanha, 1994), a maior parte dos alunos com algum tipo de Necessidade Educativa Especial (NEE), derivada de alguma deficiência, tem sido escolarizada progressivamente em centros regulares junto a colegas sem deficiência (LEITÃO & DA SILVA, 2019). Esta situação tem desafiado os sistemas educativos a criarem ambientes de aprendizagem que possam adaptar-se às novas expectativas do desenvolvimento social do século XXI (também apontadas por DELORS, 1998).

No entanto, pese às mudanças curriculares e metodológicas necessárias para efectivar a inclusão escolar, a pesquisa neste campo vem afirmando que a mudança de atitudes das pessoas sem deficiência perante as pessoas com deficiência é um factor *sine qua non* de sucesso nesta área (ALVES, 2015; FRANÇA *et al.*, 2019; MELO, 2017; OCETE, 2016; PEREZ-TEJERO *et al.*, 2012; VALENCIA-PERIS *et al.*, 2020; etc.). Desta maneira, o actual enfoque educativo extravasa os limites da integração, introduzindo programas que contribuam para o desenvolvimento de atitudes positivas perante este grupo.

Por conseguinte, a inclusão não é mais a colocação de alunos com NEE junto a alunos sem NEE, e sim a preparação de ambos para uma convivência na diversidade (RELLO & PUERTA, 2014). Como indicam OCETE *et al.* (2017) o facto de reconhecer à atitude como um dos critérios de êxito necessários para a educação inclusiva, tem feito que muitos autores tenham centrado as suas pesquisas neste aspecto.

Perante este contexto, a Educação Física tem sido apresentada como uma disciplina escolar de primeira ordem para o fomento da inclusão e desenvolvimento de atitudes positivas perante a deficiência (BLOCK & OBRUSNIKOVA, 2007; LEITÃO & DA SILVA, 2019; McKAY, 2013; OCETE *et al.*, 2015; PARDO, 2008; REINA, 2014; REINA *et al.*, 2019; e outros), devido ao seu carácter vivencial e lúdico, potencialmente cooperador, que conduz a interações pessoais profundas as quais geram conflitos e oportunidades para a sua resolução (PEINADO, 2017; RELLO & PUERTA, 2014; RODRÍGUEZ DE VERA *et al.*, 2019).

De facto, a pesquisa tem mostrado resultados encorajadores que afirmam que um contacto estruturado entre alunos sem e com NEE nas aulas de Educação Física promove o desenvolvimento de atitudes positivas nos primeiros em relação à inclusão dos segundos (ABELLÁN *et al.*, 2018a; LIU *et al.*, 2010; McKAY *et al.*, 2019; PANAGIOTOU *et al.*, 2008; PEREIRA, 2017; TEIXEIRA, 2014; XAFOPOULOS *et al.*, 2009). De acordo com McKAY (2015), os estudos sobre inclusão no cenário da Educação Física têm salientado o papel instrumental que os alunos sem NEE desempenham nas experiências dos pares com NEE, já que a rejeição por parte dos colegas pode limitar as oportunidades de aprendizagem social e prejudicar o desempenho académico.

Consentaneamente, LEITÃO & DA SILVA (2019) destacam a importância do apoio e do trabalho colaborativo dos colegas sem NEE para o sucesso escolar dos alunos com NEE, e por extensão da educação inclusiva. Desta forma, acreditamos que é necessário estabelecer metodologias específicas que forneçam ferramentas para ajudar a desenvolver atitudes positivas perante a deficiência nos alunos sem NEE, ao tempo que auxiliam na criação de um ambiente verdadeiramente inclusivo (BLOCK & OBRUSNIKOVA, 2007; RODRÍGUEZ *et al.*, 2017).

Neste contexto, parte dos estudos desenvolvidos sobre inclusão no âmbito escolar têm sido centrados nas atitudes dos professores face aos alunos com NEE (MAHL, 2016; MONTEIRO, 2011;

PELT, 2020; etc.); no entanto, cada vez é mais frequente a linha de investigação focada nas atitudes dos alunos perante os seus pares nas aulas de Educação Física (ABELLÁN *et al.*, 2018a & 2018b; GARCIA, 2016; OCETE *et al.*, 2017; PARADA, 2014; PEREIRA, 2017; REINA *et al.*, 2019; etc.). Segundo GARCIA *et al.* (2009); RELLO & PUERTA (2014); ALVES (2015) e ABRANTES (2017); entre outros, independentemente de estar centrados nos docentes ou nos alunos, a teoria com maior projecção que tem sustentado este tipo de pesquisas tem sido à Teoria do Contacto (ALLPORT, 1954).

Porém, RELLO *et al.* (2018) afirmam que o número de estudos de intervenção na população escolar tem sido relativamente escasso, pese ao reconhecimento da AFD como potenciais desenvolvedores de atitudes positivas perante a deficiência (LEITÃO & DA SILVA, 2019; McKAY *et al.*, 2018; OCETE *et al.*, 2017; RODRIGUEZ *et al.*, 2017; VIQUEZ *et al.*, 2020; e outros). Alguns exemplos de pesquisas realizadas através das aulas de Educação Física com o intuito de influenciar positivamente sobre as atitudes perante a deficiência a partir de intervenções embaçadas na teoria do contacto são ABELLÁN *et al.* (2018a); KRAHÉ & ALTWASSER (2006); OCETE *et al.* (2015) e RELLO *et al.* (2018).

De facto, muitos dos estudos realizados na Educação Física referem-se a análises transversais com intuito de examinar as atitudes dos alunos perante os seus pares com NEE (GARCIA, 2016; PEREIRA, 2017; REIS, 2016; RODRIGUEZ *et al.*, 2017; etc.). Estas pesquisas não interventivas, normalmente ressaltam a importância desta disciplina no desenvolvimento de atitudes perante a deficiência, utilizando variáveis como o "contacto anterior com familiares ou amigos com deficiência"; "contacto anterior com colegas com deficiência nas aulas de Educação Física"; "sexo do respondente"; "nível educativo"; "tipo de deficiência do colega"; etc.

Paradoxalmente, algumas pesquisas indicaram que os alunos que tinham tido um contacto anterior com familiares ou amigos com deficiência, ou mesmo experiência de contacto directo nas aulas de Educação Física com pares com NEE não apresentavam uma melhor atitude quando comparados a colegas que não tiveram este contacto (CABRAL, 2016; PEREIRA, 2017; REIS, 2016). Neste sentido, incidimos em que o mero contacto entre pessoas com e sem deficiência — ou alunos com e sem NEE — por si só, não é suficiente para promover atitudes positivas (BARR & BRACCHITTA, 2015). Portanto, acreditamos que a estruturação do contacto, assim como os aspectos quantitativos e qualitativos do mesmo, são determinantes para o sucesso da mudança positiva de atitudes e o abandono de preconceitos e estereótipos em relação à deficiência.

Relativamente a esta estruturação do contacto, sem detrimento do ocorrido durante o convívio no ambiente escolar, a aula de Educação Física proporciona um meio formal adequado para a implementação de inúmeras formas e possibilidades de actuação. Ao seu favor, esta disciplina pressupõe uma igualdade de *status* entre colegas, o qual constitui uma das condições de base favoráveis da teoria do contacto (ALLPORT, 1971).

Entretanto, podemos questionar-nos se a desinformação actual sobre a deficiência dos diversos membros da comunidade educativa escolar — por vezes baseada no modelo médico da incapacidade e da limitação — permite entender a diversidade desde a equidade e não nos moldes da caridade. Como resposta, sublinhamos que a sensibilização e informação sobre a diversidade deve ser estimulada e sustentada por uma cultura escolar inclusiva e intencional, isto é, através de um apoio institucional consciente, o que constitui outra das condições propícias da teoria de Gordon Allport.

Em relação às outras duas condições para o êxito de propostas baseadas no contacto (trabalho cooperativo e experiência íntima e profunda que leve a um melhor conhecimento), referimos a necessidade de um trabalho pedagógico intencional que potencie um clima inclusivo de partilha e colaboração, onde se experimente o sucesso sem passar necessariamente pela competição. Assim percebemos que, *apriori*, o contexto da Educação Física permite a construção de interações reciprocamente significativas, tanto a nível cognitivo como afectivo e motor, onde os alunos podem conhecer-se melhor, tendo a oportunidade de partilhar sentimentos, facto que dificilmente poderá ocorrer em contactos casuais e esporádicos (BARR & BRACCHITTA, 2015; LEITÃO & DA SILVA, 2019).

De acordo com os aspectos quantitativos, os estudos de REINA *et al.* (2011) e RELLO *et al.* (2018) indicam que o contacto prolongado entre alunos com e sem NEE tem um efeito mais positivo e duradouro no tempo do que intervenções mais breves. De facto, as propostas com uma duração mais longa (CABRAL, 2016; OCETE *et al.*, 2015; e RELLO *et al.*, 2018; VÍQUEZ *et al.* 2020) apresentaram um maior efeito sobre a atitude do que estudos mais curtos (ABELLÁN *et al.*, 2018a; DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; KRAHÉ & ALTWASSER, 2006).

Como afirmam LEITÃO & DA SILVA (2019), sem ignorar a importância da duração do contacto, também devem ser envidados esforços nos factores qualitativos (interdependência de objectivos, metodologia, conteúdos seleccionados, etc.) que presidem este contacto. A modo de exemplo, a introdução nas aulas de Educação Física de unidades temáticas de carácter inclusivo através de actividades lúdicas e de desportos adaptados (p. ex: futebol para pessoas com deficiência visual, goalball, bocha paralímpica, atletismo adaptado, etc.), parecem influenciar positivamente a promoção de atitudes perante a deficiência (ABELLÁN *et al.*, 2018a; CABRAL, 2016; DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; LUNDBERG *et al.*, 2008; OCETE, *et al.*, 2015; REINA *et al.*, 2011; SANTANA & GAROZ, 2013).

Seguindo esta ideia, acreditamos que o uso das modalidades desportivas convencionais nos moldes convencionais, permita-se a redundância, estipuladas em grande parte dos actuais *curricula* da disciplina de Educação Física, não contribuem para a inclusão de alunos com deficiência. Neste sentido, aconselhamos a sua reformulação devendo ser propostos novos conteúdos (baseados na inclusão de actividades lúdicas e modalidades desportivas adaptadas) que enriqueçam as aulas de

Educação Física e fomentem a diversidade (reflexões similares podem ser encontradas em DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; LUNDBERG *et al.*, 2008; OCETE, 2016; RELLO *et al.*, 2020; RODRÍGUEZ *et al.*, 2017; e outros).

Para que isto aconteça, é necessário tanto o apoio institucional, como a formação dos professores que devem administrar estes conteúdos; pois como já temos advertido, a mera criação de situações de contacto na escola entre alunos com e sem NEE — dito de outro modo "a integração de alunos com NEE na sala de aulas" — não é uma condição suficiente para que se produza uma mudança positiva de atitudes dos alunos sem deficiência perante os seus pares (PARADA, 2014). Pelo contrário, quando se apresentam ambos elementos em ambientes estruturados de contacto — conteúdos inclusivos e professores capacitados e motivados para a sua implementação — ficam criadas as condições para o desenvolvimento de atitudes positivas dos alunos sem NEE perante a deficiência.

Em relação à evolução da atitude ao longo dos níveis de ensino, KRAHÉ & ALTWASSER (2006) sugerem que a mudança de atitudes responde a um processo desenvolvimentista iniciado na infância e que evolui positivamente até o início da adolescência — momento no qual apresenta um ligeiro declínio — que melhora no fim da mesma e vai crescendo ao longo da vida (também sugerido por ALVES, 2015).

É neste sentido que as pesquisas que pretendem o crescimento positivo de atitudes perante a deficiência têm realizado as suas intervenções fundamentalmente com amostras de alunos entre os 10-13 anos (CABRAL, 2016; DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; RELLO *et al.*, 2018) e os 14-16 anos (ABELLÁN *et al.*, 2018a; KRAHÉ & ALTWASSER, 2006; OCETE *et al.*, 2015; REINA *et al.*, 2011).

Para além disso, LEITÃO & DA SILVA (2019) indicam que o tipo de deficiência parece influenciar sobre as atitudes, sendo que os alunos apresentam uma disposição mais positivas para a inclusão de colegas com deficiência física motora e sensorial do que para colegas com deficiência intelectual (BARR & BRACCHITTA, 2015). Não entanto, os estudos de intervenção apresentados não têm analisado esta associação especificamente, focando os seus interesses no desenvolvimento positivo de atitudes a partir das deficiências de natureza físico-motora (DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; KRAHÉ & ALTWASSER, 2006), visual (REINA *et al.*, 2011; RELLO *et al.*, 2018), intelectual (ABELLÁN *et al.*, 2018a) ou várias em simultâneo (CABRAL, 2016; OCETE *et al.*, 2015).

Uma possível explicação para esta limitação pode estar relacionada com o facto de todas estas pesquisas utilizarem a técnica da simulação, o que constitui uma dificuldade para a realização de pesquisas específicas na deficiência intelectual. Nesse sentido, parece ter um maior efeito experiencial nos participantes o uso desta técnica em actividades lúdicas e desportivas baseadas na simulação da deficiência físico-motora e sensorial.

Relativamente ao sexo do aluno, os resultados parecem concluir que as meninas apresentam atitudes mais positivas perante os pares com deficiência do que os rapazes (CABRAL, 2016; REINA

et al., 2011; RELLO *et al.*, 2018). Estes resultados coincidem com os encontrados em VAN BIESEN *et al.* (2006); PARADA (2014); RODRÍGUEZ *et al.* (2017); e outros; sendo apontadas como hipóteses explicativas a maior empatia das mulheres em relação aos homens (RELLO *et al.*, 2018); ou experiências de socialização diferentes, sendo que culturalmente as meninas vem sendo educadas para serem mais atenciosas, carinhosas e tolerantes (ALVES, 2015).

Para além do efeito de unidades didáticas de Educação Física criadas *ex professo* para o desenvolvimento de atitudes positivas de alunos sem NEE frente aos seus pares com NEE através do contacto directo, um outro programa explorado neste âmbito está relacionado à implementação do "Dia Paralímpico Escolar" (*Paralympic School Day*) (ABELLÁN *et al.*, 2018a; LEITÃO & DA SILVA; 2019).

O "Dia Paralímpico Escolar" é um programa educativo que foi desenvolvido pelo Comité Paralímpico Internacional com o intuito de aumentar o conhecimento sobre o Movimento Paralímpico e os seus desportos. Entretanto, o programa também pretende melhorar a compreensão da prática da inclusão na escola através da actividade física, facilitando a mudança positiva de atitudes em relação às pessoas com deficiência.

Assim, o programa foi elaborado por especialistas em desportos paralímpicos, pedagogia e deficiência que tentaram atingir estes objectivos por meio de actividades físicas e desportivas divertidas para crianças de 6 a 15 anos (BORGSMANN & GAVIÃO, 2015; IPC, 2006). De acordo com MCKAY *et al.* (2015), o currículo do Dia Paralímpico Escolar é baseado em quatro valores: respeito à conquista desportiva, respeito e aceitação das diferenças individuais, desporto como um direito humano e formação e apoio social no desporto.

No geral, os resultados das pesquisas realizadas no âmbito da implementação do programa do "Dia Paralímpico Escolar" têm sido imprecisos, constatando-se mudanças positivas em relação à inclusão de colegas com NEE (LIU *et al.*, 2010; MCKAY *et al.*, 2015; PANAGIOTOU *et al.*, 2008; XAFOPOULOS *et al.*, 2009), mas nem sempre com um nível significativo (VAN BIESEN *et al.*, 2006).

Assim, o efeito do programa indica mudanças de atitude relativamente positivas em relação à inclusão de colegas com NEE na sala de aulas, mas ao mesmo tempo os alunos não desejam modificar as regras do desporto ou adaptar as actividades para acomodar estes colegas (JESINA *et al.*, 2006; LIU *et al.*, 2010; PANAGIOTOU *et al.*, 2008; VAN BIESEN *et al.*, 2006; XAFOPOULOS *et al.*, 2009). Podemos inferir que alunos sem NEE entendem que os pares com NEE podem participar das aulas de EF (actividades de colaboração), mas não os querem nas suas equipas (actividades de competição).

Como indica MCKAY *et al.* (2015), especula-se que esta situação se deve, por um lado ao desejo que os alunos têm de vencer — os quais jogam com um alto nível de competitividade junto a colegas de equipa poderosos (PANAGIOTOU *et al.*, 2008) — e por outro lado, ao pouco conhecimento



dos alunos sobre a adaptação e modificação de regras desportivas. Ainda, XAFOPOULOS *et al.* (2009) indicam que este facto poderia estar relacionado a que as adaptações nas regras distrairiam às crianças dos altos níveis de competição e desafio.

Por conseguinte, parece existir uma contraposição entre o entusiasmo e motivação pela tarefa, *versus* resultado (ganhar ou perder); o que nos aproxima da diferenciação entre objectivos de desempenho e objectivos centrados na tarefa (LEITÃO & DA SILVA, 2019). Entretanto, a teoria do contacto (ALLPORT, 1971), destaca as actividades cooperativas em detrimento das actividades competitivas para o desenvolvimento de atitudes positivas para aceitação da diferença. Assim sendo, as actividades baseadas na competição poderiam actuar como um impedimento para o desenvolvimento de atitudes positivas com relação aos colegas com NEE.

Como conclusão, concordamos em que os resultados da maioria dos estudos realizados sobre o "Dia Paralímpico Escolar" apresentam um incremento das atitudes positivas dos alunos sem NEE em relação aos seus pares com NEE, pelo que a sua implementação parece contribuir para que as crianças se tornem conscientes dos seus valores e atitudes relativamente a pessoas com capacidades diferentes. Como advertido, a pesquisa sobre a mudança de atitudes através da AFD, indica que as intervenções que combinam actividades estruturadas de contacto, simulação, aquisição de conhecimento e consciencialização — como é o caso deste programa — são eficazes para atingir este objectivo (LIU *et al.*, 2010; McKAY *et al.*, 2015, 2019; PANAGIOTOU *et al.*, 2008; REINA *et al.*, 2011; RELLO & PUERTA, 2014; XAFOPOULOS *et al.*, 2009).

3 A ACTIVIDADE FÍSICA E O DESPORTO NA PROMOÇÃO DE ATITUDES POSITIVAS ATRAVÉS DO CONTACTO ENTRE GRUPOS

Como afirma FRANÇA (2020), o desporto vem assumindo um papel fundamental na sociedade, chegando a converter-se em um dos seus pilares e configurando-se como o maior acontecimento social do milénio. Com efeito, este fenómeno está inevitavelmente moldado pelas mudanças e crises sociais, quedando profundamente arraigado na vida do homem.

Por conseguinte, o desporto é uma das experiências que participa e contribui no nosso processo de socialização, havendo inúmeras e diversas formas de abordá-lo. Assim sendo, podemos encontrá-lo "na prática, mas também no entretenimento, nas conversas com os amigos, na escola e até nos nossos sonhos" (SOTO, 2009, p. 177).

Disto podemos inferir que, enquanto actividade social, o desporto faz referência a um vasto repertório de símbolos, valores, normas e comportamentos que o reconhecem claramente e o distinguem de outras praxes sociais. A este respeito, devemos ter em conta que na actualidade, o desporto é uma ferramenta de comunicação massiva de valores e atitudes com enormes repercussões políticas, económicas, sociais e culturais (MARQUES, 2016).



Para além da relevância conferida, a AFD têm adquirido um espaço proeminente na qualidade de vida dos seus praticantes, sendo aceite que a aquisição de hábitos que incluem estas práticas são benéficos dado que ajudam na prevenção de doenças, melhoram o estado de ânimo, elevam a auto-estima, contribuem para a formação integral do indivíduo e favorecem a interação e a inclusão social (BOFILL RÓDENAS, 2010; MOLERO *et al.*, 2016; MONTEIRO, 2020; SARAIVA *et al.*, 2013; VITORINO *et al.*, 2015).

Com base no último benefício indicado, consideramos que as AFD que são realizadas em ambientes inclusivos podem contribuir na promoção de atitudes positivas perante às pessoas com deficiência. Aparece aqui o conceito de "desporto inclusivo", percebido como a AFD que possibilita a prática conjunta de pessoas com e sem deficiência, ajustando-se às particularidades dos participantes e mantendo o objectivo da especialidade desportiva em questão (OCETE, 2016). Isto pressupõe uma adaptação do regulamento e do material com o intuito de fomentar a participação activa e efectiva de todos os participantes.

Entretanto, são escassas as intervenções relacionadas desde o contacto directo no âmbito da AFD inclusivos, devido à dificuldade para obter uma amostra significativa de pessoas com e sem deficiência coincidindo na mesma prática desportiva (PEREZ-TEJERO *et al.*, 2012). É neste sentido que a maioria das pesquisas têm sido produzidas no contexto educativo onde a obrigatoriedade legislativa facilita a sua organização.

Contudo, alguns trabalhos como os de REINA (2003) e TEIXEIRA (2014), têm tido resultados positivos através da realização de jornadas práticas recreativas de carácter massivo na via pública. Estes autores implementaram o trabalho através de actividades de carácter lúdico-desportivo, facilitação de informação sobre o desporto adaptado e a deficiência, e o contacto directo com pessoas com deficiência em ambientes inclusivos. Fora da discussão sobre o maior ou menor controle das variáveis que influenciam nas atitudes, acreditamos que o determinante está na interação produzida como consequência da prática de AFD inclusivas, e não tanto o contexto onde ela se produz.

É neste sentido, que a maior parte dos estudos analisados (ABELLÁN *et al.*, 2018a; DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; GARCIA *et al.*, 2009; OCETE, 2016; PEINADO, 2017; SANTANA & GAROZ, 2013; e outros) adaptaram a AFD como parte da disciplina de Educação Física. Isto tem sido feito como unidades temáticas específicas dentro da dosificação, ou mesmo usando modelos de actuação pedagógica, por exemplo, através do "Modelo de Educação Desportiva"¹. Ora, este modelo tem sido proposto, dentro do contexto inclusivo, como um facilitador de atitudes positivas perante a deficiência.

¹Apresentado como um agente transformador de Unidades Temáticas em experiências desportivas para os alunos através do seu envolvimento na organização de actividades, proporcionando-lhes momentos prazenteiros, e desenvolvendo o espírito e trabalho de equipa (MESQUITA *et al.*, 2016).

De acordo com FOLEY *et al.* (2007), através do contacto directo, a simulação e a experiência pessoal, o "Modelo de Educação Desportiva" pode ajudar a melhorar a compreensão dos alunos perante os pares com NEE, aumentando a socialização entre eles, e fornecendo uma melhor percepção dos desafios que os colegas com deficiência podem enfrentar durante os jogos ou numa competição desportiva.

Em todo caso, fora do âmbito educativo — incluindo cá o programa do "Dia Paralímpico Escolar" — aparecem poucas propostas para a mudança de atitude através do contacto directo no âmbito desportivo (McKAY *et al.*, 2015). Cabe ressaltar que a maior parte destas, se têm focalizado na deficiência físico-motora para a realização do seu programa (BERGMAN & HANSON, 2000; LUNDBERG *et al.*, 2008; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; PÉREZ-TEJERO *et al.*, 2012) sendo que outros estudos têm atendido um maior leque de grupos, como REINA (2003) e VÍQUEZ *et al.* (2020). Segundo GARCÍA *et al.* (2009), as actividades focadas nas deficiências físico-motora e visual têm sido as mais recorrentes, sobretudo se entre as estratégias está prevista a simulação.

Relativamente à duração, algumas pesquisas têm sido implementadas apenas por um ou dois dias, como as efectuadas por REINA (2003) e BERGMAN & HANSON (2000) respectivamente; sendo que outros têm tido uma duração de vários dias (PÉREZ-TEJERO *et al.*, 2012), e até várias semanas (LUNDBERG *et al.*, 2008; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; VÍQUEZ *et al.*, 2020). Neste sentido, as pesquisas que têm aplicado as suas acções durante um maior tempo, tiveram um efeito superior sobre as atitudes, em relação àquelas que tiveram uma menor duração.

De facto, concordando com McKAY *et al.* (2015), ABELLÁN *et al.* (2018a) e LEITÃO & DA SILVA (2019), embora as implementações de um dia têm tido resultados positivos, parece que as acções com uma maior duração tendem a melhorar a atitude a curto e longo prazo. Reforçando esta ideia, RELLO *et al.* (2018) propõem um mínimo de oito sessões para garantir uma mudança de atitudes significativa e estável no tempo.

Conforme GARCÍA *et al.* (2009) e ALVES (2015) a técnica mais utilizada na mudança de atitudes, tem sido o contacto directo, seguida da informação, sendo que a maior parte das intervenções se tem interessado por ambas em simultâneo (LUNDBERG *et al.*, 2008; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; PÉREZ-TEJERO *et al.*, 2012; REINA, 2003; VÍQUEZ *et al.*, 2020). Com relação à informação, parece existir certo consenso em que o conhecimento sobre a deficiência — o qual pode ser adquirido a partir da leitura de um livro, durante uma palestra, ou mesmo assistindo um filme — ajuda a melhorar a sensibilidade perante as pessoas com deficiência revertendo em favor de atitudes positivas (ALVES, 2015).

Com efeito, segundo o conceito multidimensional da atitude anteriormente referido (RODRIGUES *et al.*, 2009), a predisposição para uma acção partiria da coerência entre as cognições e os afectos que o sujeito tem sobre o objecto social. Portanto, se faz necessária uma actuação

intencional tanto sobre as ideias e crenças da pessoa — através da informação e o contacto directo — quanto sobre o afectivo através do contacto directo.

De forma similar, a simulação tem sido usada como uma técnica válida na mudança positiva de atitudes na AFD, sendo com frequência utilizada junto às anteriores (REINA, 2003; LUNDBERG *et al.*, 2008; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; VÍQUEZ *et al.*, 2020). Entretanto, algumas pessoas com deficiência têm criticado o uso desta técnica alegando um potencial prejuízo, já que se focaliza nos desafios associados às limitações, perdendo o quadro social mais amplo, e podendo perpetuar estereótipos negativos (French, 1996; como citado em LUNDBERG *et al.*, 2008).

Nesta mesma linha, MAGALHÃES & CARDOSO (2010), advertem que a vivência de uma situação artificial de deficiência (p. ex: vendar os olhos ou usar cadeiras de rodas para deslocar-se) pode ter um efeito negativo, já que a simulação não possibilita entender como a pessoa com deficiência vivencia a sua relação com o entorno, levando a conclusão de quanto é péssima a situação do outro (cego ou cadeirante) e, portanto, valorizando negativamente a situação da pessoa com deficiência. Conquanto, estas apreciações carecem de apoio científico, sendo reconhecida a simulação como uma das técnicas adequadas para a mudança positiva de atitudes na AFD (ALVES, 2015; BORGMANN & GAVIÃO, 2015; OCETE *et al.*, 2015; OCETE, 2016; RELLO *et al.*, 2018; e outros).

Independentemente das técnicas utilizadas, os resultados parecem constatar que os programas que apenas utilizam uma única técnica, como o estudo de BERGMAN & HANSON (2000), apresentam efeitos não significativos (ou menos significativos) na mudança positiva de atitudes perante a deficiência. No entanto, propostas que empregaram diferentes técnicas, como LUNDBERG *et al.* (2008); PÉREZ-TEJERO *et al.* (2012); PAPAIOANNOU *et al.* (2014) e VÍQUEZ *et al.* (2020); obtiveram resultados mais encorajadores. Efeitos similares obtiveram KRAHÉ & ALTWASSER (2006) e RELLO *et al.* (2018), quem concluíram que os grupos que recebiam um maior número de estímulos, provenientes de diferentes técnicas, tinham um maior efeito sobre as atitudes.

Do anteriormente exposto, queremos convir em que as intervenções que promovem uma experiência activa dos participantes com intuito de melhorar as atitudes — como as propostas no âmbito da AFD — são mais eficazes que as que apresentam formas passivas de mera exposição à informação. Reforçando esta reflexão, Yuker e Block (1979, p. 55; como citado em ALVES, 2015, p. 133) afirmaram: “para mudar as atitudes é necessário levar às pessoas a fazer alguma coisa. Raramente se modificam as atitudes através de palestras ou materiais escritos. A única forma real de mudar as atitudes é levar as pessoas a participarem activamente”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora a Teoria do Contacto proposta por ALLPORT (1954) foi tardiamente aplicada à investigação centrada na mudança de atitudes perante a deficiência, a partir da década dos anos 70



proliferaram as pesquisas dirigidas neste campo. Muitos destes estudos têm usado a AFD como meio ideal para a mudança de atitudes positivas perante a deficiência, obtendo resultados prometedores (ANACLETO, 2018; CABRAL, 2016; DE LA OSA & HERNANDEZ, 2018; McKAY *et al.*, 2015, 2019; PAPAIOANNOU *et al.*, 2014; VÍQUEZ *et al.*, 2020; entre outros).

De facto, encontramos o contacto com pessoas com deficiência como uma das variáveis que conduzem ao êxito tanto em programas escolares — através da disciplina de Educação Física — como através da AFD (CAMPOS *et al.*, 2013; GARCIA, 2016; MACMILLAN *et al.*, 2013; REINA *et al.*, 2019; REIS, 2016; RELLO *et al.*, 2018; TEIXEIRA, 2014; VÍQUEZ *et al.*, 2020; etc.). Desta forma, continuam proliferando os estudos que demonstram que estas áreas, quando programados sob um paradigma de inclusão social, podem ser um meio extraordinário para melhorar as atitudes das pessoas sem deficiência em relação às pessoas com deficiência (ABELLÁN *et al.*, 2018a; CAMPOS *et al.*, 2013; MAHL, 2016; OCETE *et al.*, 2015; OCETE, 2016; OMOTE, 2018; RELLO *et al.*, 2020; SOO *et al.*, 2014; e outros).

Assim, as propostas de AFD com interesse na inclusão social de pessoas com deficiência devem ser necessariamente apresentadas como uma ferramenta transversal orientada à construção de habilidades e espaços sociais geradores de valores, e que promovam o desenvolvimento humano desde a visão holística do ser.

É desta forma, que a AFD se apresenta como instrumentos potencialmente facilitadores do processo efectivo de inclusão das pessoas com deficiência (ANACLETO, 2018; DENARDIN, 2011; FREIRE, 2010; GORGATTI & COSTA, 2005; LEITÃO & DA SILVA, 2019; McKAY *et al.*, 2019; MONTEIRO, 2012; OCETE *et al.*, 2015; OCETE, 2016; REINA *et al.*, 2019; RELLO *et al.*, 2020; RODRIGUEZ de VERA, 2013; VÍQUEZ *et al.*, 2020; e outros).



REFERÊNCIAS

ABELLÁN, Jorge; SÁEZ-GALLEGO, Nieves María; REINA, Raúl. Evaluación de las actitudes hacia la discapacidad en Educación Física: Efecto diferencial del sexo, contacto previo y la percepción de habilidad y competencia. *Cuadernos de Psicología del Deporte*, v. 18, n. 1, 2018a. pp. 133-140.

ABELLÁN, Jorge; SÁEZ-GALLEGO, Nieves María; REINA, Raúl. Explorando el efecto del contacto y el deporte inclusivo en Educación Física en las actitudes hacia la discapacidad intelectual en estudiantes de secundaria. *RICYDE. Revista Internacional de Ciencias del Deporte*. v.14, n. 53, 2018b. pp. 233-242.

ABRANTES, Viviana da Silva Ferreira. As atitudes dos alunos do ensino secundário em relação à inclusão dos seus pares com necessidades educativas especiais nas aulas de educação física: o contacto anterior e a presença de alunos com NEE na turma. *Dissertação de Mestrado em Educação Física*. Faculdade de Educação Física e desporto. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017.

ALLPORT, Gordon Willard. *The nature of prejudice*. Cambridge, MA: Addison-Wesley, 1954.

ALLPORT, Gordon Willard. *La naturaleza del prejuicio*. 4ª ed. Traduzida por Ricardo Malfé. Buenos Aires, Editorial Universitária de Buenos Aires, 1971.

ALVES, Sílvia Regina Gonçalves. Avaliação das atitudes de alunos do ensino básico face aos pares com incapacidades e ensaio exploratório de um programa de intervenção. *Tese de Doutoramento em Psicologia*. Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação. Porto, Universidade do Porto, 2015.

ANACLETO, Luísa Paula Quintino. Relatório final de estágio curricular no Comité Paralímpico de Portugal: o impacto do dia paralímpico nos participantes dos eventos de Caldas da Rainha e Évora. *Dissertação de mestrado em Sociologia do desporto, organização e desenvolvimento*. Faculdade de Educação Física e Desporto. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2018.

BARR, Jason; BRACCHITTA, Kristi. Attitudes toward individuals with disabilities: The effects of contact with different disability types. *Current Psychology*. v. 34, n. 2, 2014. pp. 223-238.

BERGMAN, Michelle; HANSON, Carolyn. The Relationship Between Participation in a Sports Camp and Students' Attitudes Towards Persons with Disabilities. *Occupational Therapy in Health Care*. v. 12, n. 4, 2000. pp. 51-63.

BISOL, Cláudia Alquati; PEGORINI, Nicole Naji; VALENTINI, Carla Beatris. Pensar a deficiência a partir dos modelos médico, social e pós-social. *Cadernos de Pesquisa*. v. 24, n. 1, 2017. pp. 87-100.

BLOCK, Martin; OBRUSNIKOVA, Iva. Inclusion in physical education: A review of the literature from 1995-2005. *Adapted Physical Activity Quarterly*. v. 24, 2007. pp. 103-124.

BOFILL RÓDENAS, Ana María. Educación física en personas con discapacidad intelectual: Una propuesta para evaluar manifestaciones de la condición física de manera inclusiva. *Educación y Diversidad*. v. 4, n. 2, 2010. pp. 17-32.

BORGMANN, Tiago; GAVIÃO, José Júlio. Paralympic sport at school: a literature review. *Movimento*. v. 21, n. 1, 2015. pp. 49-64.



CABRAL, Tiago Filipe Piloto. Atitudes dos Alunos sem Deficiência Face à Inclusão de Alunos com Deficiência nas Aulas de Educação Física. Dissertação de mestrado em Ciências da Educação. Departamento de Educação Especial, Domínio Cognitivo e Motor. Porto, Universidade Fernando Pessoa, 2016.

CALDERÓN-LÓPEZ, Sonsoles. "La influencia del contacto sobre las actitudes intergrupales". In: NAVAS LUQUE, M.; CUADRADO GUIRADO, I. (Coords.). El estudio del prejuicio en Psicología Social (vol. 2). Madrid, Ed. Sanz y Torres, 2020. pp. 251-270.

CALDERÓN-LÓPEZ, Sonsoles; NAVAS, Marisol. Imagen exogrupal de adolescentes autóctonos e inmigrantes latinos: influencia del contacto intergrupar y la edad. *Anales de Psicología/Annals of Psychology*. v. 31, n. 3, 2015. pp. 941-951.

CALVO, Carmen Ocete; PÉREZ-TEJERO, Javier; LÓPEZ, Javier Coterón. Propuesta de un programa de intervención educativa para facilitar la inclusión de alumnos con discapacidad en educación física. *Retos. Nuevas tendencias en Educación Física, Deporte y Recreación*. n. 27, 2015. pp. 140-145.

CAMPOS, Maria; FERREIRA, José; BLOCK, Martin. An analysis into the structure, validity and reliability of the children's attitudes towards integrated physical education-revised (CAIPE-R). *European Journal of Adapted Physical Activity*. v.6, n. 2, 2013. pp. 29-37.

DA SILVA, Luciana Neves; GUILHEM, Dirce; ALVES, Elíoenai Dornelles. Modelo social: uma nova abordagem para o tema deficiência. *Revista Latino-Americana de Enfermagem*. v. 18, n. 4, 2010. pp. 1-9.

DE BEER, Hannari. Attitude and empathy generalisation as mediators of the secondary transfer effect amongst white South African students at Stellenbosch University. Dissertação de mestrado em Artes. Faculdade de Psicologia. Stellenbosch, Stellenbosch University, 2015.

DEL ÁGUILA, Luis Miguel. "Estereotipos y prejuicios que afectan a las personas con discapacidad. Las consecuencias que esto genera para el desarrollo de políticas públicas inclusivas en cualquier lugar del mundo". In: ROSALES, P. (dir.). Discapacidad, justicia y Estado. Discriminación, estereotipos y toma de conciencia (vol. 2). Buenos Aires, INFOJUS, 2013. pp. 67-99.

DE LA OSA, Moisés Contreras; HERNANDEZ, Jorge Abellán. Mejorando las actitudes hacia la discapacidad en Educación Física a través del deporte adaptado. *E-motion: Revista de Educación, Motricidad e Investigación*. n. 11, 2018. pp. 3-15.

DELORS, Jack; et al. Educação um tesouro a descobrir. Relatório para a UNESCO da Comissão Internacional sobre Educação para o século XXI. São Paulo, Cortez Editora, 1998. ISBN: 85-249-0673-1

DENARDIN, Vinícius. A reabilitação de pessoas com deficiência através do desporto adaptado. *Revista Brasileira de Ciências do Esporte*. v. 33, n. 2, 2011. pp. 529-539. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.scielo.br/pdf/rbce/v33n2/17.pdf>. Arquivo capturado em 03 de Maio de 2015.

FERNÁNDEZ, Alicia Guardian; et al. Validación de una escala de prejuicios hacia personas con discapacidad. *Revista Actualidades Investigativas en Educación*. v. 20, n. 2, 2020. pp. 1-25. Doi. 10.15517/aie.v20i2.41655

FOLEY, John; et al. How to develop disability awareness using the sport education model. *Journal of Physical Education, Recreation & Dance*. v. 78, n. 9, 2007. pp. 32-36.



FRANÇA, Dalila; SANTOS, Rozélia dos Anjos Oliveira; DE SOUSA, Kelyane Oliveira. Estratégias de combate ao preconceito. REPECULT – Revista Ensaios e Pesquisas em Educação e Cultura, v. 4, n. 7, 2019. pp. 18–39.

FRANÇA, Ricardo Santos. Inclusão, Desporto e Deficiência. Dissertação de mestrado em Sociologia. Faculdade de Letras. Porto, Universidade do Porto, 2020.

FREIRE, Marta Fernandes. A Inclusão Através do Desporto Adaptado: O caso português do basquetebol em Cadeira de Rodas. Dissertação de Mestrado em Exercício e Saúde em Populações Especiais. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2010.

GAONA, Susana; CRUZ, Christian Enrique; JENKINS, Benjamin. Actitudes y estereotipos en estudiantes del área de la salud hacia personas con discapacidad motriz. Revista Española de Discapacidad. v. 6, n. 1, 2018. pp. 199-219.

GARCIA, Cristiana Isabel Gomes. As atitudes dos alunos do 2º e 3º ciclos do ensino básico face à inclusão dos seus pares com deficiência nas aulas de educação física: o género e o contacto anterior com os alunos com necessidades educativas especiais. Dissertação de Mestrado em Ensino em Educação Física no Ensino Básico e Secundário. Faculdade de Educação Física e Desporto. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2016.

GARCÍA, María Ángeles Flórez; DÍAZ, Antonio León Aguado; RODRÍGUEZ, María Ángeles Alcedo. Revisión y análisis de los programas de cambio de actitudes hacia personas con discapacidad. Anuario de psicología clínica y de la salud / Annuary of Clinical and Health Psychology. v. 5, 2009. pp. 85-98.

GOFFMAN, Erving. Estigma: notas sobre a manipulação da identidade. 4ª ed. Tradução: Mathias Lambert, 2004. [online] Disponível na Internet via WWW. URL:https://www.mprj.mp.br/documents/20184/151138/goffman,erving.estigma_notassobreamanipulacaodaidentidadedeteriorada.pdf Arquivo capturado em 18 de Julho de 2018.

GORGATTI, Márcia Greguol. Educação Física escolar e inclusão: uma análise a partir do desenvolvimento motor e social de adolescentes com deficiência visual e das atitudes dos professores. Tese de Doutoramento em Biodinâmica do movimento humano. Faculdade de Educação Física e Esporte. São Paulo, Universidade de São Paulo, 2005.

GORGATTI, Márcia Greguol; COSTA, Roberto Fernandes. Atividade Física Adaptada. Barueri, Manole, 2005.

IGARTUA, Juan José; et al. "Ficción audiovisual, inmigración y prejuicio". In: GRANADOS, A. (Org.). Las representaciones de las migraciones en los medios de comunicación. Madrid, Trotta, 2013. pp. 157-177.

IPC, International Paralympic Committee. Paralympic School Day Manual. 2006. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.paralympic.org/release/Main/Sections /Menu/Education>. Arquivo capturado em 21 de Agosto de 2015.

JESINA, Ondrej; et al. Effect of an intervention program on attitude of elementary school children toward inclusion of children with a disability. 2006. In: 8th European Congress of Adapted Physical Activity, Olomouc, Rep.Checa. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.eufapa.upol.cz/index.php /eucapa/proceedings/eucapa-2006.html> Arquivo capturado em 26 de Agosto de 2015.



KRAHÉ, Barbara; ALTWASSER, Colette. Changing negative attitudes towards persons with physical disabilities: an experimental intervention. *Journal of Community and Applied Social Psychology*. v. 16, n. 1, 2006. pp. 59-69.

LEITÃO, Francisco Alberto Ramos; DA SILVA, Maria Odete Emygdio. *Inclusão de Pessoas com Necessidades Especiais*. Lisboa, Edições Universitárias Lusófonas, 2019.

LINDSAY, Sally; EDWARDS, Ashley. A systematic review of disability awareness interventions for children and youth. *Disability and Rehabilitation*. v. 35, n. 8, 2013. pp. 623-646.

LIU, Yang; KUDLAČEK, Martin; JEŠINA, Ondřej. The influence of Paralympic School Day on children's attitudes towards people with disabilities. *Acta Gymnica*. v. 40, n. 2, 2010. pp. 63-69.

LOPES, Gustavo. O preconceito contra o deficiente ao longo da história. *Efdeportes.com – Revista Digital*. v. 17, n. 176, 2013. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.efdeportes.com/efd176/o-deficiente-ao-longo-da-historia.htm>. Arquivo capturado em 12 de Junho de 2015.

LUNDBERG, Neil; et al. Using wheelchair sports to complement disability awareness curriculum among college students. *Schole: A Journal of Leisure Studies and Recreation Education*. v. 23, n. 1, 2008. pp. 61-74.

MACMILLAN, Megan; et al. The association between children's contact with people with disabilities and their attitudes towards disability: a systematic review. *Developmental Medicine & Child Neurology*. v. 56, n. 6, 2013. pp. 529-546.

MAGALHÃES, Rita de Cássia Barbosa Paiva; CARDOSO, Ana Paula Lima Barbosa. A pessoa com deficiência e a crise das identidades na contemporaneidade. *Cadernos de Pesquisa*. v. 40, n. 139, 2010. pp. 45-61.

MAHL, Eliane. Programa de formação continuada para professores de educação física: possibilidades para a construção de saberes sobre a inclusão de alunos com deficiência. Tese de Doutorado em Educação Especial. Centro de Educação e Ciências Humanas. São Paulo, Universidade Federal de São Carlos, 2016.

MARQUES, Renato Francisco Rodrigues. A contribuição dos Jogos Paralímpicos para a promoção da inclusão social: o discurso mediático como um obstáculo. *Revista USP*. n. 108, 2016. pp. 87-96.

McKAY, Cathy. Paralympic School Day: A Disability Awareness and Education Program. *Palaestra*. v. 27, n. 4, 2013.

McKAY, Cathy; BLOCK, Martin; PARK, Jung Yeon. The impact of Paralympic School Day on student attitudes toward inclusion in physical education. *Adapted physical activity quarterly*. v. 32, n. 4, 2015. pp. 331-348.

McKAY, Cathy; HAEGELE, Justin; BLOCK, Martin. Lessons learned from Paralympic School Day: Reflections from the students. *European Physical Education Review*. v. 25, n. 3, 2019. pp. 745-760.

McKAY, Cathy; PARK, Jung Yeon; BLOCK, Martin. Fidelity criteria development: Aligning Paralympic school day with contact theory. *Adapted Physical Activity Quarterly*. v. 35, n. 2, 2018. pp. 233-242.



MEIZOSO, Paula; BLANCO, María del Mailin. El deporte como herramienta de inclusión social. Boletín Electrónico REDAF. v. 3, n. 58, 2013. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: http://www.redaf.gob.ar/articulos/deporte-herramienta-inclusion-social_c94e.pdf. Arquivo capturado em 28 de Setembro de 2015.

MELO, Márcia Fonseca de. Qualidade e atitudes face à atenção à diversidade: proposta de melhoria. Tese de doutoramento em Equidade e Inovação na educação. Departamento Interuniversitário. Coruña, Universidade da Coruña, 2017.

MESQUITA, Isabel; et al. Representação dos alunos e professora acerca do valor educativo do Modelo de Educação Desportiva numa unidade didática de Atletismo. Motricidade. v. 12, n. 1, 2016. pp. 26-42.

MOLERO, Fernando; et al. La relación entre la discriminación percibida y el balance afectivo en personas con discapacidad física: el papel mediador del dominio del entorno. Acta Colombiana de Psicología. v. 16, n. 1, 2016. pp. 35-42.

MONTEIRO, Joana Raquel. O contributo do Desporto Adaptado para a Integração Social da Pessoa com Deficiência Motora. Dissertação de mestrado em Serviço Social. Escola Superior de Altos Estudos. Coimbra, Instituto Superior Miguel Torga, 2012.

MONTEIRO, Layse de Oliveira; et al. Benefícios psicossociais da Educação Física Adaptada para alunos com Síndrome de Down/Psychosocial benefits of Adapted Physical Education for students with Down Syndrome. Brazilian Journal of Development. v. 6, n. 5, 2020. pp. 28463-28470.

MONTEIRO, Susana Maria da Silva. A atitude dos professores como meio de inclusão de alunos com necessidades educativas especiais. Dissertação de mestrado em Educação Especial. Departamento de Educação Especial. Lisboa, Escola Superior de Educação Almeida Garrett, 2011.

OCETE, Carmen. Deporte inclusivo en la escuela: diseño y análisis de un programa de intervención para promover la inclusión del alumnado con discapacidad en Educación Física. Tese de doutoramento em Ciências da Actividade Física e o Desporto. Faculdade de Ciências da Actividade Física e o Desporto. Madrid, Universidad Politécnica de Madrid, 2016.

OCETE, Carmen; et al. La percepción de los alumnos de Secundaria y Bachillerato hacia la inclusión de compañeros con discapacidad en Educación Física. Psychology, Society & Education. v. 9, n. 2, 2017. pp. 299-310. ISSN 1989-709X.

OCETE, Carmen; PÉREZ-TEJERO, Javier; COTERÓN, Javier. Propuesta de un programa de intervención educativa para facilitar la inclusión de alumnos con discapacidad en educación física. Retos. n. 27, 2015. pp. 140-145. ISSN: Edición impresa: 1579-1726.

OMOTE, Sadão. Atitudes Sociais em Relação à Inclusão: Recentes Avanços em Pesquisa. Revista Brasileira de Educação Especial. v. 24, n. especial, 2018. pp. 21-32.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DE LA SALUD (OMS). Clasificación internacional del funcionamiento de la discapacidad y de la salud: CIF, versión abreviada. Ginebra, Organización Mundial de la Salud. 2001. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <https://apps.who.int/iris/handle/10665/43360>. Arquivo capturado em 24 de Agosto de 2015.

PANAGIOTOU, Anna; et al. Attitudes of 5th and 6th grade Greek students toward the inclusion of children with disabilities in physical education classes after a Paralympic education program. European Journal of Adapted Physical Activity. v.1, n. 2, 2008. pp. 31-43.



PAPAIOANNOU, Christina; EVAGGELINO, Christina; BLOCK, Martin. The Effect of a Disability Camp Program on Attitudes towards the Inclusion of Children with Disabilities in a Summer Sport and Leisure Activity Camp. *International Journal of Special Education*, v. 29, n. 1, 2014. pp. 121-129.

PARADA, Isabel das Dores. Atitudes dos alunos face à inclusão de alunos com deficiência, nas aulas de educação física: comparação em alunos do 2º ciclo e secundário. Dissertação de mestrado em Exercício e Saúde para Populações Especiais. Faculdade de Ciências do Desporto e Educação Física. Coimbra, Universidade de Coimbra, 2014.

PARDO, Rodrigo Garcia. La transmisión de valores a jóvenes socialmente desfavorecidos a través de la Actividad Física y el Deporte. Estudio Múltiple de casos: Getafe, L'aguila y Los Ángeles. Tese de doutoramento em Ciências da Actividade Física e Desporto. Escuela Superior de Arquitectura. Madrid, Universidad Politécnica de Madrid, 2008.

PAREDES, Soliani; PRADO, José. Teoría del estigma, sus implicaciones en la discapacidad. *Mucuties Universitaria*. v. 5, n.8, 2018. pp. 29-44.

PEINADO, Marta Vicente. Diseño e implementación de una intervención de deporte adaptado en Educación Física: "Deporte inclusivo en la escuela". Dissertação de mestrado em Educação Física. Departamento de mestrado inter-universitário em formação do professorado de educação secundária obrigatória, bachilherato e formação profissional. Madrid, Universidad Politécnica de Madrid, 2017.

PELT, Robin. Teachers' Attitudes Toward the Inclusion of Students with Disabilities in the General Education Classroom in a Rural School District. Tese de doutoramento em Filosofía. Departamento de Aconselhamento e Educação Especial. Richmond, Virginia Commonwealth University, 2020.

PEREIRA, Miguel Martins. As crenças de controlo dos alunos do 3º ciclo e do ensino secundário face à inclusão dos seus pares com deficiência nas aulas de Educação Física: o contacto e o nível de ensino. Dissertação de mestrado em Educação Física e Desporto. Faculdade de Educação Física e Desporto. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2017.

PÉREZ-TEJERO, Javier; et al. Diseño y aplicación de un programa de intervención de práctica deportiva inclusiva y su efecto sobre la actitud hacia la discapacidad: El Campus Inclusivo de Baloncesto. *RICYDE. Revista Internacional de Ciencias del deporte*. v. 8, n. 29, 2012. pp. 258-271.

REINA, Raúl. Propuesta de intervención para la mejora de actitudes hacia personas con discapacidad a través de actividades deportivas y recreativas. *Efdeportes.com - Revista Digital*. v. 9, n. 59, 2003. [online] Disponível na Internet via WWW. URL: <http://www.efdeportes.com/efd59/discap.htm>. Arquivo capturado em 02 de Maio de 2015.

REINA, Raúl. Inclusión en deporte adaptado: dos caras de una misma moneda. *Psychology, Society, & Education*. v. 6, n. 1, 2014. pp. 55-67.

REINA, Raul; et al. Effects of awareness interventions on children's attitudes toward peers with a visual impairment. *International Journal of Rehabilitation Research*. v. 34, n. 3, 2011. pp. 243-248.

REINA, Raul; et al. Student Attitudes Toward Inclusion in Physical Education: The Impact of Ability Beliefs, Gender, and Previous Experiences. *Adapted Physical Activity Quarterly*. v. 36, n. 1, 2019. pp. 132-149.



REIS, Patrícia Alexandra Cabral. As crenças de controlo dos alunos dos 2º e 3º ciclos face à inclusão dos seus pares com deficiência nas aulas de educação física: o contacto e o nível de ensino. Dissertação de mestrado em Educação Física. Faculdade de Educação Física e Desporto. Lisboa, Universidade Lusófona de Humanidades e Tecnologias, 2016.

RELLO, Carlos Felipe; PUERTA, Ignacio Garoz. Actividad físico-deportiva en programas de cambio de actitudes hacia la discapacidad en edad escolar: Una revisión de la literatura. *Cultura, Ciencia y Deporte*. v. 9, n. 27, 2014. pp. 199-210.

RELLO, Carlos Felipe; PUERTA, Ignacio Garoz; GONZÁLEZ, Carlos María Tejero. Análisis comparativo del efecto de tres programas de sensibilización hacia la discapacidad en Educación Física. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*. n. 34, 2018. pp. 258-262.

RELLO, Carlos Felipe; PUERTA, Ignacio Garoz; GONZÁLEZ, Carlos María Tejero. Cambiando las actitudes hacia la discapacidad: diseño de un programa de sensibilización en Educación Física. *Retos: nuevas tendencias en educación física, deporte y recreación*. n. 37, 2020. pp. 713-721.

RODRIGUES, Aroldo; ASSMAR, Eveline Maria Leal; JABLONSKY, Bernardo. *Psicologia social*. 27ª ed. Petrópolis, Vozes, 2009.

RODRIGUES, David; LIMA-RODRIGUES, Luzia. Educação Física: formação de professores e inclusão. *Práxis Educativa*. v. 12, n. 2, 2017. pp. 317-333.

RODRÍGUEZ, José Eugenio Fernández; CIVEIRO, Adriana Ruiz; NAVARRO, Rubén Patón. Formación del profesorado de Educación Física en atención a la diversidad en educación primaria. *Sportis Scientific Journal of School Sport, Physical Education and Psychomotricity*. v. 3, n. 2, 2017. pp. 323-339. Doi: <https://doi.org/10.17979/sportis.2017.3.2.1886>

RODRÍGUEZ DE VERA, Luis. Desenvolvimento de valores sociais e relacionais através da Educação Física: orientações curriculares para a educação Técnico-Profissional e Vocacional. Dissertação de mestrado em Desenvolvimento curricular e Instrucional. Faculdade de Educação. Maputo, Universidade Eduardo Mondlane, 2013.

RODRÍGUEZ DE VERA, Luis; TEMBE, Vicente; BUENDIA, Miguel. Development of Social and Relational Values through Physical Education: Curricular Guidelines for Technical-vocational and Vocational Education in Mozambique. *WeberEducational Research & Instructional Studies*. v. 11, n. 1, 2019. pp. 1139-1146. ISSN:2449-1608.

SANTANA, Paloma; GAROZ, Ignacio. Actitudes hacia la discapacidad e intervención docente desde el deporte adaptado. *Revista Internacional de Medicina y Ciencias de la Actividad Física y el Deporte*. v. 13, n. 49, 2013. pp. 1-17.

SARAIVA, João Paulo; et al. Desporto Adaptado em Portugal: do conceito à prática. *Revista Brasileira de Atividade Física & Saúde*. v. 18, n. 5, 2013. pp. 623-623. DOI: <http://dx.doi.org/10.12820/rbafs.v.18n5p623>

SLININGER, David; SHERILL, Claudine; JANKOWSKI, Catherine. Children's Attitudes Toward Peers With Severe Disabilities: Revisiting Contact Theory. *Adapted Physical Activity Quarterly*. v. 17, 2000. pp. 176-196.

SOO, Sang; KOH, Younghwan; BLOCK, Martin. Contributing factors for successful inclusive physical education. *Palaestra*, v. 28, n. 1, 2014. pp 42-49.



SOTO, Cornelio Águila. "El deporte en el ámbito del ocio como medio de transformación social". In: MURCIA, J.; COLL, D. (Coord.). Deporte, intervención e transformación social. Rio de Janeiro, Rede Euro-Americana de Motricidade Humana, 2009. pp. 173-210.

TAVARES, Wendy. An Evaluation of the Kids Are Kids Disability Awareness Program: Increasing Social Inclusion Among Children With Physical Disabilities. *Journal of Social Work in Disability and Rehabilitation*. v. 10, n. 1, 2011. pp. 25-35.

TEIXEIRA, Joana Daniela. O efeito de um Programa de Educação Paralímpica nas atitudes dos alunos sem NEE face à inclusão na Educação Física. Dissertação de mestrado em Actividade Física Adaptada. Faculdade de Desporto. Porto, Universidade do Porto, 2014.

TEMBE, Vicente; MACHAVA, Eduardo. Necessidade Educativas Especiais - Da teoria a acção psico-motora para a inclusão e elevação de auto estima. *UDZIWI: Revista de Educação*. v. 3, n. 10, 2012. pp. 5-17. [online] Disponível na Internet via WWW. URL:https://www.up.ac.mz/cepe/images/UDZIWI_10.pdf. Arquivo capturado em 23 de Outubro de 2015.

VALENCIA-PERIS, Alexandra; MÍNGUEZ-ALFARO, Patricia; MARTOS-GARCÍA, Daniel. La formación inicial del profesorado de Educación Física: una mirada desde la atención a la diversidad. *Retos*. v. 37, n. 37, 2020. pp. 597-604.

VÍQUEZ, Fabián; et al. La inclusión de personas con discapacidad en una escuela multideportiva: Efecto de las actitudes hacia la discapacidad en niños, niñas, jóvenes, padres, madres y personal de instrucción. *MHSalud*. v. 17, n. 2, 2020. pp. 38-53. ISSN: 1659-097X. DOI: <https://doi.org/10.15359/mhs.17-2.3>

VITORINO, Anabela; et al. Atividade física adaptada na população com necessidades especiais. *Revista Científica da FPDD – Desporto e Atividade Física para Todos*. v. 1, n. 1, 2015. pp. 47-51.

WHO. Relatório Mundial sobre a Deficiência, 2011. [online] Disponível na Internet via WWW. URL:<https://apps.who.int/iris/bitstream/handle/10665/44575/9788564047020_por.pdf;jsessionid=5CA3DD778D955ACD70C2136DEB080B30?sequence=4>Arquivo capturado em 11 de Novembro de 2022.

XAFOPOULOS, Georgios; KUDLAČEK, Martin; EVAGGELINOU, Christina. Effect of the intervention program “Paralympic School Day” on attitudes of children attending international school towards inclusion of students with disabilities. *Acta Universitatis Palackianae Olomucensis. Gymnica*. v. 39, n. 4, 2009. pp. 63-71.